



CANÇÃO DOS CAMINHOS

os arcanos de
Cecília Meireles

organização
CAFÉ TAROT

Publicação
CLUBE do TARÔ

ARCANUM
CADERNO DE ESTUDOS DO TARÔ



CANÇÃO DOS CAMINHOS

as cartas de tarô em VIAGEM e VAGA MÚSICA,
de Cecília Meireles

Poemas pertencentes ao livro *Viagem / Vaga Música*, Editora Nova Fronteira – Rio de Janeiro. Organizado e editado por Leonardo Chioda Publicado pelo Clube do Tarô no inverno 2008 Material desenvolvido especificamente para estudos, sem fins lucrativos.

Gravura de Cecília Meireles : Fernando Correia Dias Aquarela “*Diáfana*” de Leonardo Chioda

www.cafetarot.blogspot.com
www.clubedotaro.com.br



CANÇÃO DOS CAMINHOS

as cartas de tarô em *Viagem e Vaga Música*,
de Cecília Meireles

ÍNDICE

- INTRODUÇÃO / LIBERDADES, IV
I. O MAGO - Motivo, 1
II. A SACERDOTISA - Noções, 2
III. A IMPERATRIZ - Terra, 3
IV. O IMPERADOR - Mau Sonho, 6
V. O SACERDOTE - Amém, 7
VI. OS ENAMORADOS - Êxtase, 8
VII. O CARRO - Canção do Carreiro, 9
VIII. A JUSTIÇA - Fim, 10
IX. O EREMITA - Solidão, 11
X. A RODA DA FORTUNA - Origem, 12
XI. A FORÇA - Canção da Menina Antiga, 13
XII. O PENDURADO - Herança, 14
XIII. A MORTE - O Ressuscitante, 15
XIV. A TEMPERANÇA - A Mulher e a Tarde, 16
XV. O DIABO - Gargalhada, 17
XVI. A TORRE - Discurso, 18
XVII. A ESTRELA - Sereia, 19
XVIII. A LUA - Eco, 21
XIX. O SOL - Canção, 23
XX. O JULGAMENTO - Reinvenção, 24
XXI. O MUNDO - Deus dança, 26
O LOUCO - Canção do Caminho, 27

INTRODUÇÃO à Galeria de Poemas

Por Leonardo Chioda



“E aqui estou, cantando.”

Cecília Meireles é uma alegoria. Simbolista, modernista, abstrata e antiga, seus livros *VIAGEM* e *VAGA MÚSICA* é uma caminhada repleta de signos e impressões. Miríade de imagens, sons, cores e estilos. Deixa-se levar pelo ritmo, tal qual o andarilho sem número e sem rumo. Se colocada ao lado de um maço de cartas, toma-se uma indecisão: em qual se deve mergulhar?

Ambos se fundem se o leitor tiver olhos livres e coração espaçoso. São estruturas fortes, construções poéticas bem firmes – que não se engane quem a imagina frágil. Suas letras são jogadas aleatoriamente, ao mais puro acaso, como arcanos sobre a mesa.

O resultado são viagens e notas de uma vaga música tão íntima que apenas os mais atentos podem sentir.

LIBERDADES necessárias à Galeria de Poemas

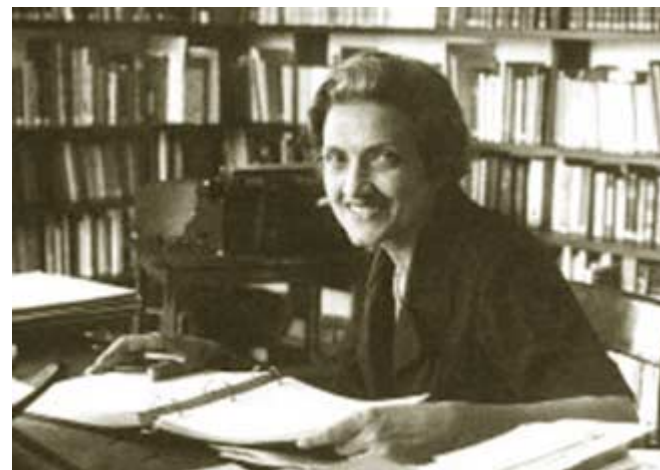
Primeira: esqueça os conceitos das cartas. O tarô é uma arte livre, desde que dentro de sua estrutura simbólica. O que vale é a inocência de criança ao abrir um livro desconhecido de viagens e notas – ou páginas soltas que, quando tocadas, afogam o espírito em cores, traços e vidas possíveis.

Segunda: Cecília é livre dentro de si mesma e se estende no papel. Ouça-a em cada arcano; escute-a em cada imagem. Deixe significados e atente-se às impressões. Vale deixar aflorar os sentidos, sejam eles quais forem.

Terceira: esqueça ordens e seqüências e contemple a vastidão da essência de cada imagem em seu devido poema. Por vezes, a escolha dos textos pode parecer equivocada ou incompleta, aproximando-se de uma outra lâmina – algo totalmente lógico, já que todas estão interligadas e vieram da mesma fonte inspiradora. Portanto, abra-se aos desenhos e palavras e deixe definições concretas de lado. Atenha-se à canção que alcança o mundo de cada um.

UMA BREVE CECÍLIA*

Cecília Meireles nasceu em 7 de novembro de 1901, no Rio de Janeiro. Respondia pontualmente todas as cartas que recebia, mas atrasava-se, às vezes, em agradecer livros, porque só agradecia depois de lê-los. Adorava música, especialmente canções medievais, espanholas e orientais.



Admirava todos os bons poetas e preferia os pintores flamengos. Dormia e acordava cedo. Leu Eça de Queirós antes dos 13 anos. Escreveu o seu primeiro verso aos 9 anos. Estudou canto, violão, violino e às vezes desenha. Seu primeiro livro publicado foi Espectros, tinha 16 anos.

Seu principal defeito, segundo ela própria, era uma certa ausência do mundo e seu tormento era desejar fazer o bem a pessoas que precisavam de auxílio e não o aceitavam. Nunca viu assombração, mas gostaria de ter visto.

Não tinha medo de viajar de avião em viagens longas. Gostaria de viajar mais vezes ao Oriente e ter chegado até a China. Pensava que poderia, pelo menos, ficar muito tempo no Mediterrâneo.

Colecionava objetos de arte popular. Já colecionou xícaras de café, mas acabou achando o café tão ruim que não valeu mais a pena colecionar os acessórios.

Teve grande emoção quando chegou aos Açores, terra de seus antepassados. Outra emoção grande foi quando viu a sua "Elegia a Gandhi" traduzida em idiomas da Índia. Foi a poeta brasileira mais conhecida em Portugal. Admirava profundamente São Francisco de Assis, Gandhi e Vinoba Bhave. O que a horrorizava era tocar em papel carbono, ver comer ostras e aspirar fumaça de ônibus. Amava crianças, objetos antigos, flores, música de cravo, praia deserta, livros, livros, livros, noite com estrelas e nuvens ao mesmo tempo. Faleceu em 9 de novembro de 1964, deixando grande obra inédita.



(*) Texto baseado no “flash” de João Condé, publicado nos “Arquivos Implacáveis” de O *Cruzeiro* em 31 de dezembro de 1955, no Rio de Janeiro.

1. O Mago

MOTIVO

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
- não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
- mais nada.



2. A Sacerdotisa

NOÇÕES

Entre mim e mim, há vastidões bastantes
para a navegação dos meus desejos
afligidos.

Descem pela água minhas naves revestidas
de espelhos.
Cada lâmina arrisca um olhar, e investiga
o elemento que a atinge.

Mas, nesta aventura do sonho exposto à
correnteza,
só recolho o gosto infinito das respostas
que não se encontram.

Virei-me sobre a minha própria existência, e contemplei-a
Minha virtude era esta errância por mares contraditórios,
e este abandono para além da felicidade e da beleza.

Ó meu Deus, isto é a minha alma:
qualquer coisa que flutua sobre este corpo
efêmero e precário,
como o vento largo do oceano sobre a areia
passiva e inúmera...



3. Imperatriz

TERRA

DEUSA dos olhos volúveis
pousada nas mãos das ondas:
em teu colo de penumbras,
abri meus olhos atônitos.
Surgi do meio dos túmulos,
para aprender o meu nome.

Mamei teus peitos de pedra
constelados de prenúncios.
Enredei-me por florestas,
entre cânticos e musgos.
Soltei meus olhos no elétrico
mar azul, cheio de músicas.

Desci na sombra das ruas,
como pelas tuas veias:
meu passo – a noite nos muros—
casas fechadas – palmeiras —
cheiro de chácaras úmidas —
sono da existência efêmera.



O vento das praias largas
mergulhou no teu perfume
a cinza das minhas mágoas.
E tudo caiu de súbito,
justo com o corpo dos naufragos,
para os invisíveis mundos.

Vi tantos rostos ocultos
de tantas figuras pálidas!
Por longas noites inúmeras
em minha assombrada cara
houve grandes rios mudos
como os desenhos dos mapas.

Tinha os pés sobre flores
e as mãos presas, de tão puras.
Em vão, suspiros e fomes
cruzavam teus olhos múltiplos
despedaçando-se anônimos,
diante da tua atitude.

Fui mudando minha angústia
numa força heróica de asa.
Para construir cada músculo,
houve universo de lágrimas.
Devo-te o modelo justo:
sonho, dor, vitória e graça.

No rio dos teus encantos,
banhei minhas amarguras.
Purifiquei meus enganos,
minhas paixões, minhas dúvidas.
Despi-me do meu desânimo –
fui como ninguém foi nunca..

Deusa dos olhos volúveis,
rosto de espelho tão frágil.
Coração de tempo fundo,
– por dentro das tuas máscaras,
meus olhos, sérios e lúcidos,
viram a beleza amarga.

E esse foi meu estudo
para o ofício de ter alma;
para entender os soluços,
depois que a vida se cala.
– Quando o que era muito e único
e, por ser único, é tácito.

4. O Imperador

MAU SONHO

Sou Nabucodonosor
que sonhou e se esqueceu!

Oh! venha, seja quem for,
dizer que sonho era o meu!

Venha! que me morro, por
um sonho que se perdeu!

(Veio o moço Baltasar,
mostrou-me a sua visão:
uma testa de ouro, no ar,
uns pés de barro, no chão.
E ferro – do calcanhar
à altura do coração!)

Bendito seja o Senhor,
que o esquecimento me deu!

Que era mau sonho, este, meu,
de Nabucodonosor!



5. O Sacerdote

AMÉM

Hoje acabou-se-me a palavra,
e nenhuma lágrima vem.
Ai, se a vida se me acabara
Também!

A profusão do mundo, imensa,
tem tudo, tudo – e nada tem.
Onde repousar a cabeça?
No além?

Fala-se com os homens, com os santos,
consigo, com Deus... E ninguém
entende o que se está contando
e a quem...

Mas terra e sol, luas e estrelas
giram de tal maneira bem
que a alma desanima em queixas.
Amém.



6. Os Enamorados

ÊXTASE

DEIXA-TE estar embalado no mar
noturno
onde se apaga e acende a salvação.

Deixa-te estar na exalação do sonho
sem forma:
em redor do horizonte, vigiam meus
braços abertos,
e por cima do céu estão pregados meus
olhos, guardando-te.

Deixa-te balançar entre a vida e a morte, sem nenhuma
saudade.

Deslisam os planetas, na abundância do tempo que cai.
Nós somos um tênue pólen dos mundos...

Deixa-te estar neste embalo de água geando círculos.
Nem é preciso dormir, para a imaginação desmanchar-se
em figuras ambíguas.

Nem é preciso fazer nada, para se estar na alma de tudo.

Nem é preciso querer mais, que vem de nós um beijo eterno
e afoga a boca da vontade e os seus pedidos...



7. O Carro

CANÇÃO DO CARREIRO

Dia claro,
vento sereno,
roda, meu carro,
que o mundo é pequeno.

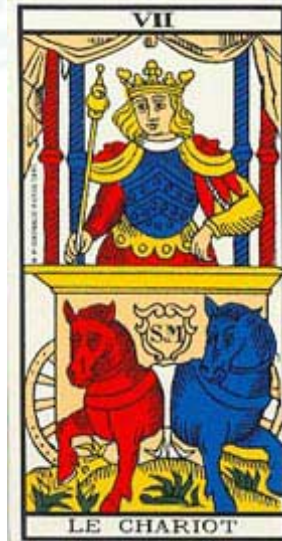
Quem veio para esta vida,
tem de ir sempre de aventura:
uma vez para alegria,
três vezes para a amargura.

Dia claro,
vento marinho,
roda, meu carro,
que é curto o caminho.

Riquezas levo comigo.
impossível escondê-las:
beije meu corpo nos rios,
dormi coberto de estrelas.

Dia claro,
vento do monte,
roda, meu carro,
que é perto o horizonte.

Na verdade, o chão tem pedras.
mas o tempo vence tudo.
Com águas e vento quebra-as
em areias de veludo...



8. A Justiça

FIM

Ó tempos de incerta esperança
que assim vos desacreditastes!
Cresceram nuvens sobre a lua
e o vento passou pelas hastes.

Vinde ver meu jardim sem flores
no presente nem no futuro.
e a mão das águas procurando
um rumo pelo solo escuro!

Vinde ouvir a história da vida
no sopro da noite deserta.
Caíram as sombras das vozes
dentro da última estrela aberta.

Ai! Tudo isso é a letra do horóscopo...
E só tu, Estátua, resistes!
- Mas, embora nunca te quebres,
terás sempre os olhos mais tristes.



9. O Eremita

SOLIDÃO

IMENSAS noites de inverno,
com frias montanhas mudas,
e o mar negro, mais eterno,
mais terrível, mais profundo.

Este rugido das águas
é uma tristeza sem forma:
sobe rochas, desce fráguas,
vem para o mundo, e retorna...

E a névoa desmancha os astros,
e o vento gira as areias:
nem pelo chão ficam rastros
nem, pelo silêncio, estrêlas.

A noite fecha seus lábios
- terra e céu - guardado nome.
E os seus longos sonhos sábios
geram a vida dos homens.

Geram os olhos incertos,
por onde descem os rios
que andam nos campos abertos
da claridade do dia.



10. A Roda da Fortuna



ORIGEM

O TEMPO gerou meu sonho
na mesma roda de alfareiro
que modelou Sírius e a Estrela Polar.
A luz ainda não nasceu, e a forma ainda não está pronta:
mas a sorte do enigma já se sente respirar.

Não há norte nem sul: e só os ventos sem nome
giram com o nascimento - para o fazerem mais veloz.
E a música geral, que circula nas veias da sombra,
prepara o mistério alado da sua voz.

Meu sonho quer apenas o tamanho da minha alma,
- exato, luminoso e simples como um anel.
De tudo quanto existe, cinge somente o que não morre,
porque o céu que o inventou cantava sempre eternidade
rodando a sua argila fiel.

11. A Força

CANÇÃO DA MENINA ANTIGA

A Diogo de Macedo

ESTA é a dos cabelos louros
e da roupinha encarnada,
que eu via alimentar pombos,
sentadinha numa escada.

Seus cabelos foram negros,
seus vestidos de outras cores,
e alimentou, noutros tempos,
a corvos devoradores.

Seu crânio está vazio,
seus ossos sem vestimenta,
- e a terra haverá sabido
o que ela ainda alimenta.

Talvez Deus veja em seus sonhos
- ou talvez não veja nada -
que essa é a dos cabelos louros
e da roupinha encarnada.

Que do alto degrau do dia
às covas da noite, escuras,
desperdiçou sua vida
pelas outras criaturas...



12. O Pendurado

HERANÇA

Eu vim de infinitos caminhos,
e os meus sonhos choveram lícido pranto
pelo chão.

Quando é que frutifica, nos caminhos infinitos,
essa vida, que era tão viva, tão fecunda,
porque vinha de um coração?

E os que vierem depois, pelos caminhos infinitos,
do pranto que caiu dos meus olhos passados,
que experiência, ou consolo, ou prêmio alcançarão?



13. A Morte

O RESSUSCITANTE

A Ester de Cáceres

Meus pés, minhas mãos,
meu rosto, meu flanco,
- fogo de papoulas!
E hoje, lírio branco!

Pela minha boca,
por minhas olheiras,
- arroios partidos!
E hoje, albas inteiras!

Eu era o guardado
de sinistras covas!
E hoje visto nuvens
cândidas e novas!

Vi apodrecendo,
com dor, sem lamento,
meu corpo, meu sonho
e meu pensamento !

E hoje, sou levado
por entre as caídas
coisas, - transparente!
(Aroma sem nardo!
Fuga sem violência!)

E de cada lado
choram doloridas
mãos de antiga gente.



14. A Temperança

A MULHER E A TARDE

O denso lago e a terra de ouro:
até hoje penso nessa luz vermelha
envolvendo a tarde de um lado e de outro.
E nas verdes ramas, com chuvas guardadas,
e em nuvens beijando os azuis e os roxos.
Perguntava a sombra: “Quem há pelo teu rosto?”
“Que há pelos teus olhos?” - a água perguntava.
E eu pisando a estrada, e eu pisando a estrada,
vendo o lago denso, vendo a terra de ouro,
com pingos de chuva numa luz vermelha...
E eu não respondendo nada.
Sonho muito, falo pouco.
Tudo são riscos de louco
e estrelas da madrugada...



15. O Diabo

GARGALHADA

HOMEM vulgar! Homem de coração
mesquinho!
eu te quero ensinar a arte sublime de rir.
Dobra essa orelha grosseira, e escuta
o ritmo e o som da minha gargalhada:

Ah! Ah! Ah! Ah!
Ah! Ah! Ah! Ah!

Não vês?

É preciso jogar por escadas de mármore baixelas de ouro.
Rebentar colares, partir espelhos, quebrar cristais,
vergar a lâmina das espadas e despedaçar estátuas,
destruir as lâmpadas, abater cúpulas,
e atirar para longe os pandeiros e as liras...

O riso magnífico é um trecho dessa música desvairada.
Mas é preciso ter baixelas de ouro,
compreendes?

- e colares, e espelhos, e espadas e estátuas.

E as lâmpadas. Deus do céu!

E os pandeiros ágeis e as liras sonoras e trêmulas...

Escuta bem:

Ah! Ah! Ah! Ah!
Ah! Ah! Ah! Ah!

Só de três lugares nasceu até hoje esta música heróica:
do céu que venta,
do mar que dança,
e de mim.



16. A Torre

DISCURSO

E aqui estou, cantando.

Um poeta é sempre irmão
do vento e da água:
deixa seu ritmo por onde passa.

Venho de longe e vou para longe:
mas procurei pelo chão os sinais
do meu caminho
e não vi nada, porque as ervas
cresceram e as serpentes andaram.

Também procurei no céu a indicação de uma trajetória,
mas houve sempre muitas nuvens.
E suicidaram-se os operários de Babel.

Pois aqui estou, cantando.

Se eu nem sei onde estou,
como posso esperar que algum ouvido me escute?

Ah! se eu nem sei quem sou,
como posso esperar que venha alguém gostar de mim?



17. A Estrela

SEREIA

LINDA é a mulher e o seu canto,
ambos guardados no luar.
Seus olhos doces de pranto
- quem os pode enxugar
devagarzinho com a boca,
ai!
com a boca, devagarzinho...

Na sua voz transparente
giram sonhos de cristal.
Nem ar nem onda corrente
possuem suspiro igual,
nem os búzios nem as violas,
ai!
nem as violas nem os búzios...

Tudo pudesse a beleza,
e, de encoberto país,
viria alguém, com certeza,
para fazê-la feliz,
contemplando-lhe alma e corpo,
ai!
alma e corpo contemplando-lhe...



Mas o mundo está dormindo
em travesseiros de luar.
A mulher do canto lindo
ajuda o mundo a sonhar,
com o canto que a vai matando,
ai!
E morrerá de cantar.

18. A Lua



ECO

Alta noite, o pobre animal aparece no morro, em silêncio.
O capim se inclina entre os errantes vaga-lumes;
Pequenas asas de perfume saem de coisas invisíveis:
No chão, branco de lua, ele prega e desprega as patas, com
sombra.

Prega, desprega e pára.
Deve ser água, o que brilha como estrela, na terra plácida.
Serão jóias perdidas, que a lua apanha em sua mão?
Ah!... não é isso...

E alta noite, pelo morro em silêncio, desce o pobre animal
sozinho.

Em cima, vai ficando o céu. Tão grande. Claro. Liso.
Ao longe, desponta o mar, depois das areias espessas.
As casas fechadas esfriam, esfriam as folhas das árvores.
As pedras estão como muitos mortos: ao lado um do outro,
mas estranhos.

E ele pára, e vira a cabeça. E mira com seus olhos
de homem.
Não é nada disso, porém...

Alta noite, diante do oceano, senta-se o animal, em silêncio.
Balançam-se as ondas negras. As cores do farol se alternam.
Não existe horizonte. A água se acaba em tênue espuma.

Não é isso! Não é isso!
Não é a água perdida, a lua andante, a areia exposta...
E o animal se levanta e ergue a cabeça, e late... late...

E o eco responde.

Sua orelha estremece. Seu coração se derrama na noite.
Ah! Para aquele lado apressa o passo, em busca do eco.

19. O Sol

CANÇÃO

No mistério do Sem-Fim,
equilibra-se um planeta.

E no planeta um jardim,
e no jardim um canteiro;
no canteiro uma violeta,
e, sobre ela, o dia inteiro,
entre o planeta e o Sem-Fim,
a asa de uma borboleta.



20. O Julgamento

REINVENÇÃO

A vida só é possível
reinventada.

Anda o sol pelas campinas
e passeia a mão dourada
pelas águas, pelas folhas...
Ah! tudo bolhas
que vem de fundas piscinas
de ilusionismo... – mais nada.

Mas a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.

Vem a lua, vem, retira
as algemas dos meus braços.
Projeto-me por espaços
cheios da tua Figura.
Tudo mentira! Mentira
da lua, na noite escura.



21. O Mundo

Não te encontro, não te alcanço...
Só - no tempo equilibrada,
desprendo-me do balanço
que além do tempo me leva.
Só - na treva,
fico: recebida e dada.

Porque a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.

DEUS DANÇA

SEUS curvos pés em movimento
eram luas crescentes de ouro
sobre nuvens correndo ao vento.

Como no jogos malabares,
ele atirava o seu tesouro
e apanhava-o com a mão nos
ares...

Era o seu tesouro de estrelas,
de planetas, de mundos, de
almas...
Ele atirava-o rindo pelas

Imensidões sem horizontes:
tinha todo o espaço nas palmas
e o zodíaco em torno a fronte.

Eu o vi dançando, ardente e mudo,
a dança cósmica do Encanto.
Unicamente abismo - tudo

quanto no seu cenário existe!
Que vale o que valia tanto?
Eu o vi dançando e fiquei triste..."



0. ou 22. O Louco

CANÇÃO DO CAMINHO

Por aqui vou sem programa,
sem rumo,
sem nenhum itinerário.
O destino de quem ama
é vário,
como o trajeto do fumo.

Minha canção vai comigo.
Vai doce.
Tão sereno é seu compasso
que penso em ti, meu amigo.
- Se fosse,
em vez da canção, teu braço!

Ah! mas logo ali adiante
- tão perto! -
acaba-se a terra bela.
Para este pequeno instante,
decerto,
é melhor ir só com ela.

(Isto são coisas que digo,
que invento,
para achar a vida boa...
A canção que vai comigo
é a forma de esquecimento
do sonho sonhado à toa...)

